Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4155

EDUCAR COM OS PÉS NO CHÃO E O CORAÇÃO ABERTO: A ESCUTA SENSÍVEL COMO PRÁTICA INCLUSIVA NO COTIDIANO ESCOLAR

EDUCATING WITH FEET ON THE GROUND AND AN OPEN HEART: SENSITIVE LISTENING AS AN INCLUSIVE PRACTICE IN SCHOOL DAILY LIFE

Francisco Renato Silva Ferreira
Titulação: Mestre em Ensino em Saúde - UNILEÃO
Secretaria Municipal de Educação de Altaneira/CE
Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil
E-mail: norf20@hotmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3977-0136

Decarla Gomes da Silva
Titulação: Especialista em Educação - UFC
Secretaria Municipal de Educação de Porteiras/CE
Porteiras, Ceará, Brasil
E-mail: decarlavida@outlook.com
ORCID: https://orcid.org/0009-0001-9064-4461

Susiane Alencar da Silva Bezerra
Titulação: Especialista em Psicologia Aplicada a Educação – URCA
Secretaria Municipal de Educação de Porteiras/CE
Crato, Ceará, Brasil
E-mail: susianealencar88@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0009-0000-0187-6862

Maria Arnalda Lima Belo Silva
Titulação: Especialista em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio – UVA
Secretaria Municipal de Educação de Cariús/CE
Cariús, Ceará, Brasil
E-mail: maria.arnalda@seduc.juazeiro.ce.gov.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1506-9970

Recebido: 01/06/2025 – Aceito: 14/06/2025

Resumo

Este artigo analisa a escuta sensível como prática pedagógica fundamental para a efetivação de uma educação inclusiva e humanizadora no contexto escolar contemporâneo. Com base em uma

abordagem qualitativa e fundamentada em revisão bibliográfica crítica, discute-se como a escuta, compreendida não apenas como ato auditivo, mas como posicionamento ético e político, pode se constituir em eixo estruturante de processos educativos mais afetivos, democráticos e acolhedores. A partir dos aportes teóricos de autores como Paulo Freire, Bell Hooks, Carlos Skliar, Maria Teresa Mantoan, Cristiane Guimarães e Lev Vigotski, evidenciam-se as potencialidades da escuta na construção de vínculos pedagógicos significativos e na valorização da diversidade como princípio formativo. Defende-se que a escuta sensível está intimamente relacionada à pedagogia da presença e à construção de relações afetivas que favorecem o reconhecimento das subjetividades dos estudantes. Argumenta-se que práticas educativas baseadas na escuta ativa contribuem para a superação de silenciamentos históricos, promovendo o pertencimento e o protagonismo dos sujeitos historicamente marginalizados no espaço escolar. As considerações finais apontam para a urgência de políticas públicas e de processos formativos que valorizem a escuta como dimensão pedagógica central, reafirmando a escola como lugar de vida, de encontro e de transformação social.

Palavras-chave: escuta sensível; inclusão escolar; pedagogia da presença; afetividade; diversidade.

Abstract

This article analyzes sensitive listening as a fundamental pedagogical practice for achieving inclusive and humanizing education in contemporary school contexts. Based on a qualitative approach and supported by a critical literature review, it discusses how listening, understood not merely as an auditory act but as an ethical and political stance, can serve as a structuring axis for more affective, democratic, and welcoming educational processes. Drawing on the theoretical contributions of Paulo Freire, Bell Hooks, Carlos Skliar, Maria Teresa Mantoan, Cristiane Guimarães, and Lev Vygotsky, the article highlights the potential of listening to foster meaningful pedagogical bonds and to value diversity as a formative principle. It argues that sensitive listening is closely linked to the pedagogy of presence and to the development of affective relationships that promote the recognition of students' subjectivities. The study contends that educational practices based on active listening contribute to overcoming historical silencing, fostering belonging and protagonism among those traditionally marginalized within school settings. The final considerations underscore the urgency of public policies and training processes that elevate listening as a central pedagogical dimension, reaffirming schools as spaces of life, encounter, and social transformation.

Keywords: sensitive listening; school inclusion; pedagogy of presence; affectivity; diversity.

1. Introdução

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4155

A contemporaneidade impõe à escola uma série de desafios que extrapolam a dimensão técnica do ensino, exigindo um comprometimento ético e afetivo com a formação integral dos sujeitos. Em meio às múltiplas vozes, corpos e subjetividades que habitam o espaço escolar, torna-se imperativo reconhecer a escola como território de escuta, convivência e produção de sentidos. Neste cenário, a escuta sensível revela-se não apenas como um recurso metodológico, mas como um princípio estruturante da prática pedagógica inclusiva, capaz de favorecer a construção de vínculos e o reconhecimento das diferenças como potência formativa.

A educação, historicamente atravessada por modelos hierarquizantes e excludentes, precisa urgentemente revisitar suas práticas à luz de uma pedagogia do encontro, do afeto e da alteridade. Como afirma Freire (1996, p. 36), “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram no corpo do educador que, ao ensinar, pesquisa e, ao pesquisar, ensina”. Ensinar, portanto, é também escutar; é colocar-se em relação com o outro de forma dialógica, aberta e crítica. Bell Hooks (2013) corrobora essa perspectiva ao defender uma educação centrada no afeto e na escuta ativa como formas de resistência frente às estruturas de opressão e silenciamento.

Ao refletir sobre a escuta sensível, o presente artigo propõe uma análise da sua relevância no cotidiano escolar como eixo norteador de uma educação verdadeiramente inclusiva. A escuta, aqui compreendida como prática ética e política, rompe com a lógica da homogeneização e reconhece a pluralidade dos modos de aprender, ser e estar no mundo. Nesse sentido, o artigo ancora-se em uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo e reflexivo, fundamentada em autores como Freire (1996), Hooks (2013), Skliar (2003), Mantoan (2006), Vigotski (1991), dentre outros que abordam a relação entre escuta, inclusão e educação humanizada.

Partindo de uma concepção crítica de educação, busca-se evidenciar como a escuta sensível pode contribuir para a construção de um ambiente escolar mais democrático, afetivo e emancipador. A proposta é pensar a escuta como uma práxis transformadora, que exige do educador não apenas

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4155

disponibilidade emocional, mas também consciência sociopolítica e sensibilidade diante das singularidades dos sujeitos escolares. Assim, educar com os pés no chão e o coração aberto torna-se mais do que uma metáfora poética: configura-se como uma ética do cuidado, da presença e da escuta ativa no cotidiano da escola.

1.1 OBJETIVOS

Diante das exigências de uma educação comprometida com a justiça social e com o respeito à diversidade, torna-se necessário estabelecer objetivos que orientem uma investigação séria e comprometida com a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e sensíveis às subjetividades presentes no espaço escolar. O presente estudo propõe-se, assim, a contribuir para o aprofundamento teórico e prático da escuta sensível como eixo estruturante da educação inclusiva. Os objetivos a seguir expressam a intenção de fomentar reflexões críticas e propor caminhos concretos para o fortalecimento de uma pedagogia da presença, da escuta e do reconhecimento do outro como sujeito de direitos.

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar, à luz de uma abordagem crítica e humanizadora, a escuta sensível como prática pedagógica inclusiva, compreendendo-a como fundamento ético e político na construção de ambientes escolares mais democráticos, afetivos e respeitosos à diversidade humana em suas múltiplas expressões.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Investigar as concepções teóricas que sustentam a escuta sensível como prática educativa comprometida com a inclusão e a justiça social;
- Compreender como a escuta ativa e empática contribui para o

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4155

fortalecimento do vínculo pedagógico e para o reconhecimento das singularidades dos sujeitos escolares;

- Identificar práticas concretas que promovam a escuta sensível no cotidiano escolar, valorizando o protagonismo dos estudantes e a construção de uma cultura de respeito às diferenças;
- Refletir sobre os desafios enfrentados pelos docentes na implementação de uma pedagogia da escuta e apontar caminhos possíveis para sua efetivação no contexto da formação continuada.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A escuta como base ética da pedagogia crítica

A escuta sensível, compreendida enquanto prática pedagógica, encontra sólida fundamentação na pedagogia crítica, sobretudo nas contribuições de Paulo Freire. Para o autor, a escuta é condição para o diálogo autêntico e, por conseguinte, para uma educação libertadora e humanizadora. Segundo Freire (1996, p. 89), "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender", revelando que o processo educativo é essencialmente dialógico e exige abertura à escuta mútua. Tal concepção rompe com a lógica verticalizada do ensino tradicional e propõe uma pedagogia horizontal, em que educador e educando constroem saberes a partir do encontro.

A escuta, nessa perspectiva, configura-se como um gesto ético e político, pois implica reconhecer o outro em sua dignidade e historicidade. Não se trata de ouvir passivamente, mas de escutar com atenção, presença e compromisso, acolhendo as vozes silenciadas pelas estruturas de exclusão presentes no espaço escolar. Skliar (2003) reforça esse entendimento ao afirmar que a escuta é um lugar de implicação subjetiva e de desconstrução de discursos homogeneizantes. Ouvir o outro em sua diferença é abrir espaço para a emergência do inédito, do singular, do que escapa aos padrões normativos.

Nesse sentido, a escuta sensível torna-se um princípio ontológico da prática docente comprometida com a emancipação dos sujeitos. Ao escutar com

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4155

atenção e respeito, o professor reconhece o estudante como protagonista de sua própria aprendizagem, desestabilizando a ideia de um currículo fixo e prescritivo. Bell Hooks (2013), em consonância com Freire, argumenta que ensinar é um ato profundamente afetivo e político, que demanda envolvimento, vulnerabilidade e disposição para a escuta.

Ademais, a escuta como base ética da pedagogia crítica não se restringe ao campo do discurso, mas se materializa nas escolhas cotidianas do fazer docente: na maneira como o professor organiza o tempo e o espaço da aula, na atenção que dedica às manifestações dos alunos, no respeito aos diferentes ritmos e estilos de aprendizagem. Guimarães (2017) acrescenta que a escuta é o fundamento da pedagogia da presença, na qual o educador está inteiro no encontro com o outro, oferecendo-lhe um espaço de reconhecimento e cuidado.

Portanto, pensar a escuta como base ética da pedagogia crítica é assumir que nenhuma prática educativa é neutra ou desprovida de implicações ético-políticas. A escuta, quando assumida como compromisso pedagógico, constitui-se em ferramenta potente para a construção de uma escola mais justa, plural e inclusiva — onde todos tenham o direito de ser ouvidos e de fazer parte dos processos de ensino e aprendizagem.

2.2 Inclusão e escuta: o direito de existir com diferença

Pensar a inclusão sob a perspectiva da escuta sensível implica, antes de tudo, reconhecer que o direito à educação não pode ser desvinculado do direito à existência plena, singular e digna. A escola, como espaço público de formação humana, precisa ser capaz de acolher os sujeitos em sua totalidade, considerando suas histórias, saberes, culturas, corporeidades e modos de aprender. Assim, a inclusão ultrapassa a lógica da inserção de indivíduos em estruturas previamente definidas, exigindo uma revisão profunda das práticas escolares e das concepções que sustentam o projeto educativo.

Para Mantoan (2006), incluir é transformar o sistema educacional para que ele se torne capaz de acolher todos os alunos, sem exceção. A autora enfatiza que a inclusão não se resume a uma adaptação curricular ou à presença física

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4155

do estudante na sala de aula, mas se realiza na medida em que se reconhece e valoriza a diferença como constitutiva do processo pedagógico. A escuta sensível, neste cenário, emerge como uma prática essencial, pois permite a leitura atenta das necessidades, potencialidades e subjetividades de cada estudante, favorecendo a construção de vínculos e o desenvolvimento integral.

Skliar (2003) reforça essa perspectiva ao propor uma pedagogia da diferença, na qual a escuta desempenha papel central. Para o autor, a verdadeira inclusão só é possível quando a escola é capaz de escutar as vozes outras — aquelas que destoam do padrão normativo e, por isso, costumam ser silenciadas. Escutar a diferença, segundo Skliar, é um ato político que exige deslocamento de lugar, abertura ao desconhecido e disposição para o desconforto. É, portanto, uma forma de resistência às lógicas classificatórias e segregadoras ainda presentes nas práticas escolares.

A escuta sensível, nesse contexto, constitui-se como ferramenta para o reconhecimento do outro em sua alteridade radical. Não se trata de integrar para normalizar, mas de construir relações pedagógicas nas quais a diversidade não seja apenas tolerada, mas acolhida como valor formativo. Como aponta Arroyo (2012), os sujeitos da educação trazem consigo marcas de desigualdades históricas que precisam ser ouvidas, compreendidas e, sobretudo, respeitadas. A escuta, então, torna-se um gesto ético de reconhecimento e um compromisso político com a construção de uma escola que garanta o direito de existir com diferença.

Dessa forma, a escuta sensível não apenas favorece a inclusão, mas tensiona os limites das práticas tradicionais, instigando o educador a repensar suas estratégias, posturas e concepções sobre ensinar e aprender. Educar com escuta é também educar para a convivência democrática, para o respeito às diferenças e para o exercício pleno da cidadania no cotidiano escolar.

2.3 A pedagogia da presença e o vínculo afetivo

A escuta sensível, enquanto prática educativa transformadora, está intrinsecamente relacionada à ideia de presença autêntica do educador. A

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4155

pedagogia da presença não se limita à simples ocupação física do espaço escolar, mas refere-se a um estado de abertura, atenção e disponibilidade afetiva diante do outro. Trata-se de estar verdadeiramente com o aluno — escutando suas palavras, seus silêncios, seus gestos e expressões —, construindo uma relação baseada no respeito, na confiança e no afeto.

Guimarães (2017) conceitua a pedagogia da presença como a atitude de estar inteiro no ato educativo, com escuta atenta e sensibilidade ética. Para a autora, o vínculo afetivo entre professor e aluno é o solo fértil onde se instauram as possibilidades de aprendizagem significativa e de desenvolvimento humano. A presença genuína do educador, ancorada na escuta sensível, permite ao estudante perceber-se como sujeito digno de atenção e cuidado, condição fundamental para sua participação ativa no processo formativo.

A afetividade, nesse contexto, não é um adorno ou elemento secundário, mas constitui dimensão estruturante do ato de educar. Vigotski (1991) já indicava que o desenvolvimento cognitivo está profundamente articulado às emoções e às interações sociais. O vínculo afetivo, forjado na escuta e no reconhecimento mútuo, potencializa a construção de conhecimentos, favorece a autoestima e amplia o sentimento de pertencimento escolar. Assim, a presença do educador torna-se um gesto de acolhimento, um espaço de segurança emocional que sustenta os processos de aprendizagem.

Além disso, Bell Hooks (2013) afirma que ensinar é um ato de entrega e de amor político. Para a autora, não há educação emancipadora sem envolvimento afetivo e sem a disposição do professor em vulnerabilizar-se junto ao aluno, escutando-o com honestidade e empatia. Essa pedagogia do afeto e da escuta cria condições para que os estudantes se expressem de maneira autêntica, rompendo com o medo, o silenciamento e a invisibilidade que frequentemente marcam a trajetória de muitos sujeitos historicamente marginalizados.

A pedagogia da presença, portanto, desafia os modelos tradicionais de ensino baseados na neutralidade e no distanciamento emocional. Ela convoca o educador a implicar-se na relação pedagógica, a compreender que o vínculo com o aluno é, ao mesmo tempo, caminho e condição para a inclusão efetiva.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4155

Como destaca D'Ambrosio (2020), uma prática docente que valoriza o vínculo afetivo é capaz de mobilizar a subjetividade dos estudantes, criando experiências educativas marcadas pela escuta, pela reciprocidade e pela construção conjunta de saberes.

Nesse sentido, a escuta sensível, alicerçada na pedagogia da presença, transforma a sala de aula em um espaço de encontros significativos. Através do vínculo afetivo, o educador legitima o lugar do aluno como protagonista de sua formação, promovendo uma educação que respeita os ritmos, as histórias e os sentidos atribuídos por cada sujeito à sua própria aprendizagem. Mais do que ensinar conteúdos, trata-se de estabelecer uma relação ética, sensível e comprometida com o florescimento humano.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar com os pés no chão e o coração aberto exige mais do que domínio técnico ou domínio de conteúdos: exige uma postura ética, sensível e comprometida com a complexidade das relações humanas que permeiam o cotidiano escolar. Neste artigo, buscou-se evidenciar que a escuta sensível configura-se como um princípio pedagógico de natureza ética e política, imprescindível à construção de uma escola verdadeiramente inclusiva, democrática e afetiva.

A partir do diálogo com autores como Freire (1996), Hooks (2013), Skliar (2003), Mantoan (2006) e Guimarães (2017), foi possível compreender que a escuta, quando assumida como prática cotidiana e intencional, transforma o espaço escolar em lugar de acolhimento, reconhecimento e pertencimento. A escuta ativa não é um ato passivo ou neutro, mas sim um gesto de implicação subjetiva e política, que rompe com os silenciamentos históricos e promove a visibilidade de sujeitos cujas vozes foram, por muito tempo, ignoradas nas estruturas escolares tradicionais.

Constatou-se, ao longo da reflexão teórica, que práticas pedagógicas sustentadas pela escuta sensível potencializam a aprendizagem, fortalecem os vínculos entre educadores e educandos e criam condições para o florescimento

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4155

das singularidades. A inclusão, nesse contexto, não se limita à presença física de estudantes com deficiência ou necessidades específicas, mas se concretiza na escuta atenta aos múltiplos modos de ser, aprender e se expressar. Ouvir o outro é reconhecer sua existência e validar seus saberes, emoções e narrativas.

Entretanto, é importante reconhecer os desafios que ainda persistem no cenário educacional brasileiro. A ausência de políticas públicas efetivas de formação docente continuada, as condições estruturais precárias das escolas, a sobrecarga de trabalho dos profissionais da educação e a cultura da padronização pedagógica são obstáculos significativos à implementação de uma pedagogia da escuta. Superar tais desafios demanda um compromisso coletivo, que envolva educadores, gestores, formuladores de políticas e a sociedade como um todo.

Portanto, educar com escuta é mais do que uma escolha metodológica: é uma decisão política e ética, que implica reconhecer no outro a possibilidade de aprendizado recíproco, de transformação mútua e de convivência respeitosa. A escuta sensível, ao se tornar parte integrante da prática docente, fortalece a presença do professor como mediador de experiências significativas e transforma a escola em um lugar de vida, de criação e de resistência.

Ao concluir este estudo, reafirma-se a urgência de uma formação docente que valorize a escuta como saber-fazer pedagógico fundamental, assim como a necessidade de práticas educativas que se orientem pelo afeto, pela presença e pela radicalidade da inclusão. Educar com os pés no chão e o coração aberto, afinal, é acreditar que toda voz tem valor e que toda escuta é, também, um ato de amor e de luta.

REFERENCIAS

ARROYO, Miguel. Ofício de mestre: imagens e autoimagens. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008.

Disponível em: **http://portal.mec.gov.br**. Acesso em: 5 jun. 2025.

D'AMBROSIO, Beatriz. Educação e afetividade: práticas de escuta e vínculos pedagógicos. Campinas: Papirus, 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Cristiane Tavares. Pedagogia da presença: educar na contemporaneidade. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Ana Luiza Libânio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? 7. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vigotski: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2021.

SKLIAR, Carlos. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2003.

UNESCO. Educação inclusiva: o direito de todos. Brasília, DF: UNESCO, 2009. Disponível em: **https://unesdoc.unesco.org**. Acesso em: 5 jun. 2025.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto et al. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4155

ZEICHNER, Kenneth M. Repensando as conexões entre formação de professores e práticas escolares. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 25–48, jan./abr. 2002. Disponível em: **https://www.scielo.br**. Acesso em: 5 jun. 2025.